

Domingo
29.XI.1891.

31. boulevard St. Michel
Paris.

Alberto.

Meu querido Alberto, olha: se tornas a escrever-me mais outra carta como a de hontem, levas uma d'estas soras de beijos que te hão de marcar. Não, não se è assim tão imprudente com um doentinho como Antonio. Cautella, mais cautella... Toda a gente a olhar para mim, à meza, enquanto a lia: os ovos a arrefecerem, eu sem comer e, afinal, acho que nem comi, fôise-me o appetite embora. Saí. Para ir aonde, sabes? À Igreja de St. Germain, no boulevard, orar por ti à Nossa Senhora de Anthero,¹⁵ por ti accender-lhe uma vela, por tua intenção. E assim fiz. Cheguei. Assentei-me defronte d'ella, n'uma linda cadeira de palhinha; olhei-a durante uma hora toda e, n'algum intervallo de distracção, abrindo o Shelley onde guardara a tua Escriptura, lia-te. Alberto, com os olhos orvalhados, beijava-te. Rezei uma Ave-Maria, com muita devoção. Levantei-me, comprei por 5 sous uma esguia vela de cêra (no talbe, Margareth: Alice, na côr)¹⁶ e fui pôl-a accesa, mesmo diante de Nossa Senhora do Anthero. E commigo murmurava: «dã saude, talento, felicidade ao Alberto!» Ô Alberto, como tu me fizeste bem! Eu que já andava um bocadinho zangado por não me fallares de Lar, recebo inesperadamente uma d'estas chuvas de leite, que nem na Mancha a do mar-bravo. Ainda me sinto molhado, mas não me mudo que estas chuvadas não constipam. Mas sabes d'onde especialmente proveio meu extasi d'hontem? De ti, sô de ti. Não è tanto pelo sonho, pela alma da carta: mas pela graça, pelo encanto, pela frescura, pela ingenuidade que de ti resultam. Has de ser sempre o Purinho do João Moca¹⁷ e è isso que me encanta. Não, não ha mais ninguem como Alberto. És o primeiro rapaz de Portugal. Convenci-me, hontem, que mora dentro de ti um enorme espirito. Questão de idade, apenas. Aos 30 annos, que livro não farás tu? Pois não será superior às superiores uma Alma que se deixa voar n'uma tão extraordinaria sede de sonho, n'essa espantosa anciedade, de Lar, de Paz, de Ventura que tu tens e que será preciso Nossa Senhora D. Margarida¹⁸ se esqueça de nós, para que o céu t'as não dê. Impossivel moral, como o meu naufragio em «Droit», ou no Canal da Mancha. Sem tu seres feliz não o serei eu. Ouve. Eu já estou um pouco habituado à Dôr não me surprehenderia tanto a minha desgraça, mas tu, Anjo, sem calculares o que isso è, com o rosto liso, virgem de prêgas e com tal ancia de paraizo na Terra. — Oh fôra terrivel, terrivel, terrivel! Morreria contigo È, por isso, absolutamente indispensavel que corramos sempre de mãos ambas: item eu, nem tu faremos coisa alguma sem meditar no que vamos fazer. Adquirida a Paz, toca e de là não sair. Tenbo um programma de vida em esboço e que te direi quando vieres: è muito longo (embora muito simples) para ir em carta. Da minha vida, em Vill'Alva,¹⁷ nota. Da que, até então, terei qualquer hora t'a mandarei. A minha vida em Vill'Alva. Ô Alberto! a nossa vida em Traz-os-Montes (atraz dos montes)!